

FMS
DIP-107-10007
A Tonda
04/10/2007
Salvador 07
Defesa Civil

PERÍCIA | Codosal ainda não finalizou avaliação sobre o estado do que restou do imóvel, após o incêndio ocorrido na segunda-feira

Abrigo de Mãe Preta é interditado

CLEIDIANA RAMOS

crônicas@grupoatende.com.br

De janeiro até o mês de maio deste ano, a Coordenadoria de Bombeiros já registrou 190 ocorrências relacionadas a incêndios, na Bahia. Os dados ainda não estão separados por capital e interior. No ano passado, de 2.020 destas ocorrências, 336 envolveram residências. O Abrigo da Mãe Preta, localizado na Ladeira da Montanha, passa a fazer parte das estatísticas. O imóvel foi destruído pelo fogo no início da noite da última segunda-feira.

"Os dados de junho ainda não foram computados", informou o coronel Nelson Vasconcelos, diretor do Setor Técnico do Corpo de Bombeiros. Para o comandante do órgão, coronel Sérgio Barbosa, a falta de um Código de Prevenção a Incêndios faz com que os casos continuem a acontecer na Bahia.

O Estado é o único do País que ainda não tem regulamentação neste sentido. O projeto para o código está na Procuradoria Geral do Estado. "O que os bombeiros fazem é resolver o problema que já está sendo causado. O código funciona como prevenção, ao exigir, por exemplo, determinados cuidados antes de conceder a autorização para uma construção", completa o coronel.

Técnicos da Coordenadoria de Defesa Civil de Salvador (Codosal) retornam hoje para concluir a avaliação do imóvel, onde funcionava o Abrigo de Mãe Preta. Ontem, eles foram ao local, mas a avaliação não foi concluída, por conta do entulho que ainda não foi removido: tarefa da Limpurb. A limpeza está marcada também para hoje.

O atraso foi por conta da resistência de pequenos focos de incêndio. As informações são das assessorias de comunicação da Codosal e da Limpurb, respectivamente. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (Sedes) cadastrou 28 pessoas como ocupantes do casarão.

Apenas uma aceitou o pernoite na Casa de Passagem da Sedes, localizada na Baixa dos Sapateiros. O restante optou por seguir para a casa de parentes. Todos receberam o auxílio-moradia, que é ajuda de custo para aluguel.

Quando a equipe da Sedes chegou ao local não localizou crianças. Segundo a assessoria de comunicação do órgão, Maria Dalvína Rodrigues de Oliveira, 83 anos, a Mãe Preta, responsável pelo abrigo, contou que as crianças foram retiradas assim que o incêndio começou, mas não informou a insti-

"Dói muito ver tudo acabar assim"

Mãe Preta, responsável pelo abrigo que leva seu nome, na Ladeira da Montanha |

tuição para a qual foram encaminhadas. A equipe de assistentes sociais voltará ao local.

O Abrigo de Mãe Preta não possui convênios com a Sedes. A justificativa, de acordo com a assessoria, é a falta de adequação a normas legais, como, por exemplo, abrigar num mesmo local pessoas de idades variadas. Além disso, o local é considerado insalubre.

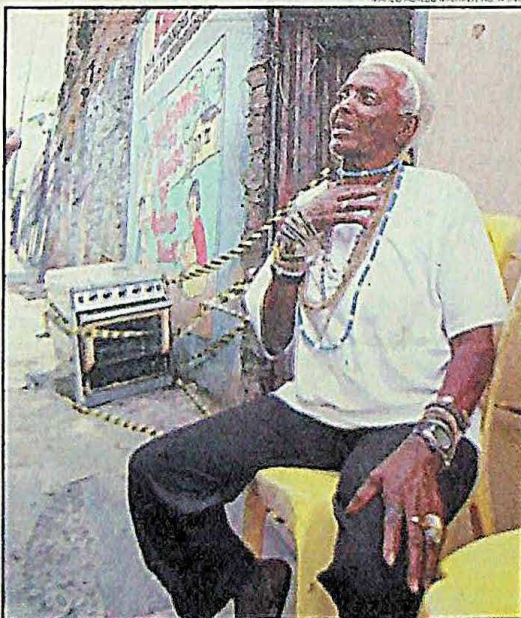
HISTÓRICO - Velhos casarões, como o que sediava o abrigo, estão em risco constante de acidentes. "Esses imóveis normalmente são abandonados por seus proprietários e invadidos por moradores de rua. Sem adequação de rede elétrica ou hidráulica, são sempre suscetíveis a desabamentos e incêndios", destaca o subsecretário da Codosal, Francisco Costa Júnior. O órgão está finalizando um estudo sobre os casarões abandonados da cidade. Ainda chorando muito, Mãe Preta insiste que o incêndio foi provocado por um homem conhecido como Marquinhos.

"Eu estava dormindo, quando me chamaram dizendo que tinha ladrão no telhado e aí o fogo começou", relatou. Segundo ela, volta e meia o rapaz invadia o abrigo, mas não fazia parte do grupo de abrigados. O Corpo de Bombeiros não realiza o trabalho de apuração de crimes. Para identificar se um incêndio foi criminoso, a vítima tem que prestar queixa na Polícia Civil, para que o Departamento de Polícia Técnica (DPT) possa realizar um estudo sobre as causas.

Ontem pela manhã, no local, só estavam Mãe Preta e o cabeleireiro Valério da Silva, que a ajuda. "Esta mulher é uma guerreira", disse Silva. De útil, em meio aos escombros, um fogão foi o que restou. "Dói muito ver tudo acabar assim", lamentou Mãe Preta.



A Limpurb agendou para hoje a limpeza dos escombros e justifica o atraso na remoção do que restou em virtude da persistência de focos de fogo



Mãe Preta diz não saber, ainda, para onde irá com seus albergados

Histórias da mulher que virou referência de solidariedade

Embora sem ajuda oficial, o Abrigo da Mãe Preta é um dos locais beneficentes conhecidos em Salvador. Localizado numa das áreas mais degradadas do Centro Histórico e famosa como ponto de prostituição, a Ladeira da Montanha, tem resistido. Nas contas da responsável, Maria Dalvína Rodrigues de Oliveira, a Mãe Preta, ele já existe há mais de 50 anos.

"Só vou deixar de ser a Mãe Preta dos pobres da Bahia quando eu morrer", disse ela em meio ao choro, por conta dos estragos feitos pelo incêndio. Sua história tem todos os ingredientes de um drama. Natural de Andaraí, na Chapada Diamantina, conta que veio para Salvador com medo da fúria paterna. "Eu perdi minha honra e não sabia o que ele ia fazer comigo. Fiquei nas Sete Portas

vivendo do que os barão me dava", relata. Foi então que uma amiga a convidou para morar na Ladeira da Montanha.

SOLIDARIEDADE - "Ela disse para eu vir fazer vida, pois tinha uma mulher que dava dinheiro pra gente", conta. Depois de ter criado 12 dos 20 filhos, "rudo registrado no meu nome, pois não sabia quem era o pai", ela resolveu se voltar para os mais carentes. Assim nasceu a mulher carinhosamente chamada de "Mãe Preta".

No local, geralmente, eram servidas três refeições - café da manhã, almoço e jantar -, a quem aparecesse. O dinheiro para manter a estrutura vem das doações que aparecem. "Tem gente que ajuda com cesta básica. Assim a gente vai levando", acrescenta Mãe Preta.